

As formas elementares da vida torcedora:

um relato etnográfico das práticas e representações das torcidas organizadas na Arena Maracanã

The elementary forms of the football fan life: an ethnographic report of practices and representations of organized supporters in Maracanã Stadium

BERNARDO BUARQUE DE HOLLANDA

Mestre e Doutor em História pela PUC-Rio e Professor Adjunto da Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV)
bernardobuarque@gmail.com

JIMMY MEDEIROS

Mestre em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais pela Fundação IBGE, Doutor em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento pela UFRJ e Professor Adjunto da Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV)
jimmy.medeiros@fgv.br

LUIGI QUEVEDO BISSO

Bacharel em Ciências Sociais pela Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV)
Luigi.Bisso@fgvmail.br

RESUMO: O propósito do artigo é apresentar uma descrição e uma análise dos padrões associativos dos torcedores na contemporaneidade, sob a forma de observações etnográficas junto a torcidas organizadas de futebol. Para tanto, valendo-se de referencial sociológico e antropológico, a etnografia aqui apresentada comprehende os espaços de socialização juvenil nos estádios, em particular nas arquibancadas do Maracanã, após a sua reinauguração em 2013. Em que pesem as polêmicas em torno da elitização das novas arenas e da suposta mudança comportamental do espectador, doravante convertido em consumidor, procura-se neste relato mostrar como o ethos torcedor mantém determinadas constantes no que se refere a processos rituais, a mecanismos de socialidade, a vinculações territoriais e a representações simbólicas, tal como informada pela literatura, que se debruça sobre o fenômeno desde os anos 1990. Ao contrário da indistinção generalizante sustentada pelo senso-comum acerca das torcidas organizadas, o argumento central do artigo tenciona demonstrar uma série de diferenciações internas que estratificam e hierarquizam os subgrupos constitutivos desse universo, ao mesmo tempo complexo, polissêmico e desafiador ao entendimento científico.

PALAVRAS-CHAVE: Torcidas organizadas; Estádios; Futebol.

ABSTRACT: The purpose of this article is to present a description and an analysis of the associative patterns of football fans in contemporary times, in the form of ethnographic observations of football fan clubs. To do so, using sociological and anthropological references, the ethnography presented here includes juvenile socialization spaces at the stadiums, in particular in the stands of the Maracanã Stadium, after its reopening in 2013. Despite the controversy surrounding the elitization of new arenas and the supposed behavioral change of the audience, now composed of consumers rather than viewers, this report has the objective of showing how the fan ethos keeps certain constants in what concerns ritual processes, the mechanisms of sociality, the territorial bindings and symbolic representations, as informed by the literature, which deals with the phenomenon since the 1990s. Unlike the generalizing indistinction supported by common sense about football fan clubs, the central argument of the article intends to demonstrate a series of internal differentiations that stratify and organize in hierarchical positions subgroups of this universe, which is at the same time complex, multifaceted and challenging to scientific understanding.

KEYWORDS: Fan groups; Stadiums; Football.

Introdução

O presente artigo descreve e analisa o comportamento das torcidas organizadas de futebol de três clubes da cidade do Rio de Janeiro: o Botafogo de Futebol e Regatas, o Clube de Regatas do Flamengo e o Fluminense Football Club. As observações do trabalho de campo foram realizadas no Maracanã, durante o segundo semestre de 2013, logo após a reabertura do estádio, na esteira da grande reforma estrutural-arquitetônica de suas dependências. Doravante denominado arena, o estádio foi reformado, como se sabe, com vistas às exigências de padronização da Federação Internacional de Futebol (FIFA), para efeito de realização da vigésima edição da Copa do Mundo de 2014.

Os dados foram coletados por meio de uma pesquisa coletiva, de cunho qualitativo e quantitativo, financiada pelo CNPq entre 2012 e 2014, e intitulada “Mapeando torcidas organizadas: pertencimento clubístico, dinâmica de confrontos e distribuição territorial no espaço urbano do Rio de Janeiro”. A parte quantitativa aplicada foi coordenada por um dos autores, pesquisador do FGV Opinião, da Fundação Getúlio Vargas, que orientou alunos de graduação em Ciências Sociais durante o Campeonato Brasileiro de 2013. A aplicação de questionários permitiu a aproximação e a inserção dos estudantes de graduação no segmento das torcidas organizadas, donde derivam as observações de campo a seguir.

Propõe-se aqui traçar, com a utilização até certo ponto sugestiva do instrumental conceitual da antropologia e da sociologia clássicas, de Émile Durkheim a Marcel Mauss, de Victor Turner a Pierre Bourdieu, as práticas contemporâneas e as representações sociais do torcedor uniformizado, tal como enquadrado no novo espaço socioespacial do Maracanã.

A proposta é demonstrar como eventuais mudanças comportamentais, em face do modelo pretérito de estádio, não modificaram *in toto* as formas elementares e habituais de interação dos torcedores entre si. As notas descritivas e analíticas que se seguem permitem avaliar o impacto estrutural da dimensão física da nova arena sobre os modos geracionais de torcer e de se comportar nas praças esportivas. Pode-se assim aferir até que ponto houve uma apropriação ou uma acomodação por parte dessas agremiações ao conjunto arquitetônico recém-inaugurado.

Junto a isso, a etnografia procura observar a constância do *ethos* do torcedor, bem como a morfologia hodierna das torcidas organizadas, valendo-se do diálogo com as preciosas contribuições acadêmicas de

pesquisadores como Toledo (1996) e Teixeira (2014), dentre outros. Com este embasamento prévio, será possível desenvolver o exercício aqui proposto, qual seja, o de compreender como elementos morfológicos básicos do associativismo juvenil se refletem na organização interna e na rede de sociabilidade estabelecida nas arquibancadas por frequentadores do Maracanã.

Um jogo de escadas: as torcidas organizadas de pequeno e de grande porte

Os comportamentos descritos a seguir foram feitos a partir de uma observação *in loco* com os torcedores dentro do estádio. Em algumas partidas, o método foi estendido ao perímetro das adjacências da arena, nos momentos anteriores e consecutivos aos jogos, posto que constituem importantes momentos de concentração e de dispersão dos aficionados. Também se faz necessário ressaltar que, devido a nossa condição de pesquisadores, foi possível ser percebido de duas formas básicas durante as incursões a campo.

A primeira variou em conformidade com a posição da equipe no interior do estádio. Ao posicionar-nos nos assentos próximos às torcidas organizadas, ao redor destas, era possível passar despercebido pelas mesmas, sem despertar, pois, qualquer tipo de reação ou abordagem. A segunda dizia respeito aos procedimentos formais de introdução de uma pesquisa de caráter científico.

Quando nos apresentávamos e distribuíamos os questionários, era-se de imediato alvo de suspeição e de interrogação. Passava-se à condição inicial de *outsider* do grupo, de indivíduos em princípio estranhos, passíveis de desconfiança, ainda que situados no mesmo ambiente público das arquibancadas. Este primeiro indicador de receptividade, mais hostil que hospitaleira, permitiu-nos compreender como a conduta do torcedor organizado se altera em relação aos integrantes de sua torcida, vis-à-vis aqueles que não pertencem à mesma.

Como ponto de partida, a recepção permite a percepção de que o torcedor organizado baliza sua interação com quem pertence ou não à sua associação, mesmo quando se trata do espaço aberto do estádio. Entre si, os torcedores organizados agem de forma casual, brincam com certa espontaneidade e provocam-se jocosamente — o que remete às relações jocosas de “parentesco por brincadeira” de que falavam Mauss (2001) e Radcliffe-

Brown (MELATTI, 1995). Ademais, conversam sobre o jogo, movimentam-se em torno dos preparativos para a partida e manifestam posturas de devoção pelo futebol, de exaltação por seus times e de veneração por suas torcidas.

Não obstante, a descontração é estancada, quando se veem perante torcedores comuns, ou face a anônimos pesquisadores, como em nosso caso. Foi possível presenciar a interrupção das brincadeiras no momento em que se fez a abordagem das principais torcidas de cada um dos três clubes acompanhados: a Raça Rubro-Negra, a Young-Flu e a Fúria Jovem do Botafogo. Em sua maior parte, o tratamento foi um tanto rude e refratário, pois não se era reconhecido como interno, muito menos como legítimo ao grupo.

Nesses casos, o comportamento manifestou certa hostilidade e se acentuou quando houve a solicitação para que o torcedor organizado respondesse a um questionário, considerado extenso, com três páginas e um total de trinta perguntas, dentre questões objetivas e subjetivas. Em tais circunstâncias, pouco importa se o entrevistador se identifica com o time do entrevistado. As conversas informais evidenciam que esse potencial de estranhamento se amplia no momento em que se faz menção a torcidas rivais. Aí é possível perceber, de modo mais crasso, um explícito tom de superioridade e de reprovação do “outro” em seus discursos.

O pertencimento do torcedor organizado a uma entidade coletiva maior faz com que este se veja como alguém “autêntico”, dotado de legitimidade. O torcedor filiado a uma associação de fãs de um clube de futebol é alguém que se entende como mais dedicado que os outros torcedores ao seu time. Por conseguinte, nessa acepção, o sacrifício empenhado torna-o uma pessoa detentora de “paixão”, entendida como qualitativamente superior, pelo futebol, pelo seu clube e pela sua torcida. Assim, mais do que estigmatizar e denegar o rival, aspecto mais banal, que salta aos olhos de imediato, cabe apontar a condição orgânica do papel desempenhado por seres que se veem como mais importantes, se comparados aos demais torcedores do mesmo time. Embora menos observável, este dado constitui uma atitude recorrente dentro do universo associativo em questão.

Mas há gradações. Essa postura não se repetiu, por exemplo, em nossas sondagens com torcidas menores, a exemplo da torcida Garra Tricolor, vinculada ao Fluminense. Em sentido inverso, os membros dessas associações foram abertos e receptivos a não integrantes de seu grupo. A dinâmica de entrevista, quando lhes era pedido para responder aos questionários, foi o principal indicador para aferir essa abertura e solicitude. Se, em geral, a demanda acarretava uma reação um tanto hostil de parte dos torcedores

dos grupos grandes, as torcidas organizadas de menor porte mostravam-se mais porosas a um “estrangeiro”, para falar em termos caros à sociologia de Georg Simmel (2005). Nota-se assim, nas torcidas chamadas “de faixa”, a inexistência da reivindicação de superioridade e autossuficiência que as maiores possuem.

São três os critérios aqui adotados para diferenciar uma torcida de pequeno e de grande porte: 1. As categorias nativas, enunciadas e estratificadas pelos próprios atores; 2. Os números disponibilizados pelas torcidas em seus sites, que variam segundo a escala da dezena, da centena e do milhão. Ainda que não sejam dados confirmáveis, as estimativas, que vão de cinquenta integrantes a sessenta mil sócios, são indicativas da imagem de grandeza de cada agrupamento; e 3. A disposição espacial dentro do estádio, com a concentração de um maior ou menor número de aderentes e simpatizantes, o que se reflete na intensidade dos cânticos, no número de bandeiras, no tamanho das faixas dispostas nas arquibancadas e na prevalência por ficar postado atrás do gol, local de preferência dos torcedores organizados.

Nas torcidas ditas pequenas, que computam de maneira aproximada entre cinquenta e quinhentos componentes, os ritos esportivos são os mesmos: entrada das bandeiras nas arquibancadas, saudação aos jogadores antes do princípio da partida, condução e difusão dos cânticos conforme o andamento do jogo. Mas estes ocorrem de forma menos evidente e no mais das vezes apenas ecoam, reconhecendo sua condição caudatária, as palavras de ordem ditadas pelas torcidas grandes. Assim, não raro elas passam despercebidas aos olhos e ouvidos dos demais espectadores. É possível que, se o torcedor organizado de um pequeno grupo não utilizar uma vestimenta que o identifique ao grupo, ele não chega a ser distinguido de um torcedor comum.

Pode-se dizer que, em alguns casos, o comportamento do integrante de uma pequena torcida — gestual, vocabulário, posicionamento, coreografia — beira à regularidade prevista para o espectador individualizado. À parte o uniforme, tem-se a impressão de que o torcedor organizado de um agrupamento menor é tão somente mais um fã de seu clube. Mesmo durante o transcorrer das partidas, as torcidas organizadas ditas menores não agiam de forma proativa, isto é, não adotavam o procedimento de postar-se de pé e de cantar ao longo dos noventa minutos.

Neles, por fim, não se denotam traços distintivos mais visíveis ou exaltados. No mais das vezes, seus membros permaneciam sentados e assistiam ao jogo sem alterações, ainda que gritos, apupos ou palavrões pudessem ocorrer (TOLEDO, 1993). Isto distava da postura prototípica das grandes

torcidas organizadas, que em nenhum momento abdicavam de pular, cantar, urrar, gesticular, coreografar, admoestar, quer fosse nos momentos de vitória ou de derrota de seus times.

Em vista disso, muitas das respostas desses membros coletadas nos questionários consideravam fundamental que as torcidas organizadas dessem “apoio moral” aos seus clubes. Este postulado independia da situação do jogo e tal traço pode ser associado a uma influência mais recente do modelo de torcer argentino, preconizado pelo “alento” de seus “hinchas” e de suas “barras”.

A *communitas* torcedora: potencialidades e limites de seu alcance no futebol

O acompanhamento dos jogos e o contato com as torcidas nas arquibancadas permitem uma ponderação de ordem conceitual. Trata-se de ponderar como o conceito de *communitas* pode ser aplicado, ou matizado, em face do comportamento dos torcedores organizados, aqui considerados apenas nos dias de calendário esportivo. Segundo o antropólogo inglês Victor Turner (2008), *communitas* é o momento ritual liminar de uma dada sociedade, de determinado grupo ou de certo indivíduo inscrito no tecido social.

Dante da liminaridade, a estrutura social se desfaz durante um determinado lastro de tempo. Passa a imperar nesse ínterim o que Turner denomina de antiestrutura. Todos os membros da comunidade devem renunciar às diferenças, a fim de compartilhar de uma posição social semelhante, sobretudo no tocante às propriedades e aos bens disponíveis naquela sociedade. Em tal ocasião, considerada extraordinária na vida coletiva grupal, as distinções se diluem e cessa a atribuição desigual de valores.

Não obstante, existe uma outra faceta compreendida pela *communitas*. São os chamados ritos de passagem, movimento tripartido no espaço-tempo, trazidos à luz por Van Gennep. Nele, após cumprir uma ação processual ou uma encenação ritual, que pode ser religiosa ou não, a depender do tipo de sociedade ou de comunidade em exame, o indivíduo ascende em seu interior, galga novo status e passa a incorporar uma diferenciada posição na hierarquia societária.

Ora, conforme aponta a antropologia social que se debruça sobre as sociedades complexas, o conceito de *communitas* pode ser aplicado, com alcances e limites, no âmbito da vivência esportiva e, em particular, do

universo do “clubismo”. À primeira vista, para o senso comum não há uma divisão interna clara verificável no seio de uma torcida. Durante sua performance nas arquibancadas, uma aglomeração de até milhares de torcedores vivencia coletivamente o dia de jogo como um momento extraordinário, aqui entendido como suspensão do cotidiano, de sua existência e de seu dia a dia.

Os torcedores têm por princípio unificador a identidade clubística que os iguala. Ao mesmo tempo, como pontuado no tópico anterior, esse aspecto identitário os coloca em um patamar acima dos demais torcedores do mesmo clube e vai além das diferenças reivindicadas frente aos que se filiam a outras agremiações.

Uma das finalidades precípuas de uma torcida organizada é construir um espaço associativo, até certo ponto ambíguo quanto às fronteiras de lazer e de trabalho, de seriedade e de descontração, para torcedores engajados em um mesmo time. Tal engajamento facilita a condição de se autoproclamarem puros, legítimos e, em determinados casos, superiores. Isto decorre do fato de que eles atuam e se expressam com mais fervor.

São vários os sinais para tanto: tatuagens estampadas no corpo; investimento de interesse diário dispensado ao time; altruísmo pessoal, a um só tempo corporal e emocional, financeiro e passional; empenho de tempo e dedicação exclusiva durante os preparativos da semana; mobilização por meio de viagens e caravanas de incentivo clubístico. Este conjunto de atividades enseja uma série de discursos vivificados na memória coletiva e na retórica de uma paixão supostamente lídima e desmesurada pelo time.

A partir dessa ordem de múltiplas adesões, os torcedores organizados criam uma entidade que prima pelo apoio, dentro e fora do estádio, aos seus jogadores, na mesma proporção em que rivalizam com as torcidas homólogas de clubes distintos, sobretudo as congêneres situadas na mesma cidade. Conforme foi possível observar na pesquisa de campo, a devoção clubística não é a única razão motivacional para a filiação a uma torcida organizada. O ingresso no grupo tem um gradiente de motivações menos sublimes e mais prosaicas, que se pode também chamar de utilitárias ou instrumentais. Estas podem ir da simples busca por amizades no bairro de origem até eventuais vantagens no custeio de ingressos para os jogos ou a emulação por confrontos com jovens rivais presentes nos outros agrupamentos.

A adrenalina e o risco envolvidos são motivos que não podem ser minorados ou desconsiderados nesse quadro. Por ora, enfoque-se o modo pelo qual o torcedor afiliado insere-se na comunidade de fãs de um grande clube de futebol profissional do Rio de Janeiro. Assim como a sucede durante

a *communitas*, no momento da partida o torcedor organizado não se distingue em seu grupo por posses materiais ou por uma posição original de classe.

Tal distinção até pode ocorrer em uma comparação imaginária entre torcidas de dois clubes diferentes, cujo mitos de origem se associam ora ao “povo” ora à “elite”. As referências a características populares ou aristocráticas, como a procedência da “favela” ou da “zona sul” — o “favelado” e o *playboy* são estereótipos arquetípicos vigentes no meio —, podem ser presenciadas em comentários ordinários de torcedores nas arquibancadas ou sob a forma de canções provocativas. Um adepto do Fluminense, por exemplo, após preencher um questionário, bradou em alto e bom som: “Aqui, geral vai responder, porque só tem rico. Na ‘Fla-merda’, é tudo analfabeto”.

Isso se dá, conforme as circunstâncias, com menor incidência quando se considera uma única torcida organizada. Nesta, os valores a serem julgados passam pela dinâmica dos ritos de passagem. Pode-se dizer que os rituais de iniciação funcionam à maneira dos trotes universitários ou dos *bullyings* escolares. Com graus variados de agressividade, podem ir desde tapas do grupo contra um neófito recém-ingresso até variadas formas de tripudiar, tais como pilhérias, desafios e “sacanagens”.

Em ambiente marcado pela masculinidade agressiva de segmentos juvenis, as “brincadeiras” socializadoras, conquanto pareçam tolas à primeira vista, ou mesmo estúpidas ao olhar do senso comum, servem como provas de afirmação de hombridade e de lealdade ao time e à torcida. A incorporação ao bojo de uma torcida organizada passa por receber novatos dispostos a aceitar tarefas, mais ou menos humilhantes, mais ou menos grosseiras, que são impostas pelos membros mais antigos. Isto pode variar desde a busca por cerveja no bar do estádio ou das redondezas para o restante dos companheiros durante os jogos até a responsabilidade de carregar os materiais e o “patrimônio” (bandeiras, mastros, faixas, bumbos, mosaicos) da torcida.

Convém frisar como, à medida que essas tarefas são assumidas e desempenhadas, a confiança entre os pares cresce. A prova pela qual passam serve como soldadura da coesão grupal, com a consolidação, ou não, dos laços de amizade. Pouco a pouco, quanto mais o indivíduo se torna confiável dentro da agremiação, mediante provações sucessivas e crescentes que demonstram seu altruísmo, sua “disposição” — outra importante categoria nativa — e sua virilidade, mais as tarefas de importância hierárquica interna são delegadas a ele.

É possível constatar, *a fortiori*, que a decisão sobre quem terá a incumbência de coordenar o setor de bateria, de quem organizará a “festa” ou

de quem decidirá o repertório de gritos, de cânticos e de percussões é uma importante definição de status dentro da torcida. O mesmo vale para quem ficará “bandeirando” — categoria êmica — ou quem será responsável por cuidar do material na ida e na volta do jogo.

A divisão social das funções dentro do agrupamento, cuja forma pode ser representada por uma pirâmide, permite diferenciar internamente a reputação, o etos e a “carreira” dos torcedores. A estrutura vertical vai daquele que ocupa a base, e que é chamado de simples componente ou incentivador das arquibancadas, não necessariamente filiado de maneira formal à torcida, para aquele ocupante do topo, muitas das vezes mais velho, possuidor de trajetória prévia, com competências determinadas e com tarefas estratégicas assumidas.

A posição oscila de valor, a exemplo do tocador de bumbo, postado no centro do grupo, do monitor — líder de bairro — ou do animador. Este último se coloca de costas para o campo de jogo. Ele acompanha apenas parcialmente o que sucede na partida. Sua atenção é redobrada porquanto tem a missão de coordenar a intensidade de vibração do conjunto, o que varia segundo o desempenho da equipe em campo. Ao mesmo tempo, é mister vigiar de modo individualizado a “disposição” dos integrantes, de modo a não esmorecer no apoio ininterrupto ao time durante o tempo regulamentar.

O posicionamento na estratificação do grupo é, pois, visto como uma concorrência piramidal, pois define a capacidade de influenciar no perfil e nas decisões da torcida no decurso da partida. Em termos mais abstratos, a posição repercute, na soma, o poder político, econômico e simbólico a ser auferido pelos líderes da torcida. Este último elemento deflagra acerbos conflitos e aguça rivalidades internas nas agremiações torcedoras, tornando-se a razão para os rompimentos, as brigas, as dissidências e as inimizades entre membros do mesmo agrupamento.

De símbolos, territórios e distinções

A atribuição de status é comparável à dimensão sobrenatural que ritos de passagem concedem aos nativos estudados por Victor Turner, aqui já mencionado. De certa forma, a pessoa ungida a protagonizar o ritual torna-se especial. É ela quem tem o poder de manusear objetos sagrados, o que eleva sua representatividade no interior do agrupamento. A importância atribuída ao reboar do tambor e à visibilidade da bandeira possui um significativo

efeito, interno e externo, de aglutinação. O indivíduo responsável por “bandeirar” está como que guiando a “alma e a anima da torcida”. Além das cores, a bandeira é ornada por símbolos distintivos que remetem aos ídolos do passado e aos momentos marcantes da memória coletiva do clube.

É comum identificar, na torcida do Flamengo, bandeiras com a imagem do ex-jogador Zico, ídolo-mor do clube, enquanto, no Botafogo, reconhecem-se Heleno de Freitas, Garrincha e Jairzinho, entre outros, como personagens eleitos na galeria de ex-atletas reverenciados no clube. Nos últimos anos, trata-se de uma forma padronizada das torcidas no sentido tanto de homenagear o seu ícone quanto de trazer à tona as glórias pregressas do clube.

O drapejar das bandeiras segue a percussão da bateria, dotada de uma espécie de atributo encantatório, ou “mágico”, na torcida: o tocador dimana a energia e o coro grupal intensifica o estado efervescente da coletividade de torcedores. O ecoar vai em direção aos jogadores em campo e aos rivais do outro lado das arquibancadas, de modo a emular os oponentes, a intimidar os adversários e a concitar o time à vitória.

Os objetos musicais percussivos usados nas torcidas organizadas marcam um ritmo, um estilo e uma melodia. Estas cambiam de acordo com o tempo e em consonância com o repertório geracional da torcida e do clube ao longo do tempo. A música, marcial ou carnavalesca, original ou paródica, propicia uma atmosfera que se acredita favorável ao objetivo final ansiado por todos: a conquista da supremacia sobre o time antagônico. A postura agonística tem um impacto material e simbólico, prático e representacional. Isto pode novamente remeter ao terreno conceitual da antropologia, uma vez que, para Durkheim (1989), Mauss (2007) e Lévi-Strauss (1988), os totens encarnam valores e atributos semelhantes nas sociedades ditas primitivas, com a crença na eficácia da transferência de energia coletiva dos representantes zoomórficos a seus representados antropomórficos.

Assim, o canto da torcida é a principal fonte de coesão do grêmio e de emulação do time. Em dicção durkheimiana, trata-se da sua “efervescência”. Como no fundamento coesivo da religião, há uma crença tácita, entre os adeptos do mundo do futebol, de que a presença da torcida é condição *sine qua non* para a vitória. Se a “festa” dos apoiadores do outro time for maior, este desempenho extracampo pode ser decisivo para a vantagem do jogo “em casa”. A recíproca é verdadeira quando se considera a desvantagem do time no jogo “fora de casa”.

Para além da meritocracia esportiva, que atua como a *razão pura* dos esportes modernos, um time de futebol tem sua performance influenciada

pelo apoio ou pela participação da torcida. A interveniência dos dois fatores — o jogo em si e a torcida em particular —, se correlaciona. Estes elementos passam a ser vistos em simbiose e em reciprocidade. Em contrapartida, tratam-se de atores — jogadores e torcedores — que, em termos de espetáculo esportivo, encontram-se separados no espaço segregador do estádio.

Via de regra, as torcidas organizadas possuem integrantes disseminados e nucleados em diversas partes da malha urbana. Em função dos locais de residência, criaram-se subdivisões dentro das torcidas por região territorial. Para cada área geográfica, designam-se uma classificação respectiva, uma denominação determinada e uma numeração específica. A título de exemplo, fique-se com o caso da Urubuzada, cujos integrantes, na zona oeste do Rio, reconhecem-se como um destacamento relativamente autônomo, constitutivo da “4º província” da torcida.

À luz da história, o fenômeno da espacialização organizativa, para além da circunscrição do estádio, data dos anos 1990. Coube à Torcida Jovem do Flamengo institucionalizar os “pelotões”, atribuição apropriada à metáfora do autoproclamado “Exército Rubro-Negro”. Em sua esteira, cada grupo organizado convencionou adotar uma denominação específica, porém de configuração análoga. Esta indica a divisão espacial interna, a exemplo de “esquadrão”, “família”, “canil”, “núcleo”, “comando”, “região”, adotado por outras torcidas cariocas.

Conquanto os nomes remetam às antigas classificações de viés militar, como a palavra “legião”, alusiva à divisão do exército romano na Antiguidade, não se pode afirmar a intencionalidade da referência, tampouco a consciência de seu cunho metafórico. Não obstante, durante as conversas travadas com alguns líderes de torcidas organizadas, descobriu-se a existência de mais de um professor de história ou de geografia de ensino médio à frente de tais associações. A isto se soma o número significativo de estudantes secundaristas na base dos grupos, o que foi confirmado no levantamento quantitativo da pesquisa de campo.

A dinâmica espacial da torcida opera mediante a escolha de um representante por bairro ou região. O líder local, muitas das vezes, é conhecido pelo epíteto nativo de “monitor”. A função destes é aglutinar, em dias de jogos, os torcedores organizados na localidade de origem. O encontro é marcado de maneira antecipada e tem por ponto de referência uma circunscrição no bairro: um supermercado, uma parada de ônibus, um estacionamento.

Dali, uma vez arregimentados em número expressivo, os monitores conduzem aquela seção da torcida pelo trajeto urbano até o estádio. A

depender do jogo, sobretudo em clássicos, a conduta pode ser de risco. É comum que esse contingente, reunido em dezenas, centenas ou até milhares, protagonize conflitos no caminho com os “inimigos” — emboscadas, linchamentos, lutas corporais, depredação de meios de transporte, vandalismo são situações passíveis de ocorrer na arriscada trajetória rumo à partida.

Para tanto, em alguns casos, marcam-se encontros prévios nas redes sociais ou por meio de outros expedientes de comunicação telefônica — celular, WhatsApp, iPhone, etc. Em outros momentos, na caminhada em direção ao estádio, os confrontos podem decorrer de situações fortuitas e não-programadas.

Dentro do estádio, por sua vez, cabe aos monitores a responsabilidade sobre seus componentes. Em particular, ele é corresponsável pela garantia de que a torcida como um todo não vai parar de cantar ou de “fazer a festa” enquanto durar a partida. Embora o ambiente das torcidas organizadas seja descontraído e, como dito antes, apresente claras relações de camaradagem e lealdade interpessoais, as lideranças principais são fonte de respeito e seriedade.

A obediência é requisitada no espaço das arquibancadas e, sob aquela circunscrição, deve-se seguir as instruções do presidente e da diretoria da torcida, sob o risco de penas, sanções ou até expulsões. Como a vigilância dos diretores pulveriza-se nas cercanias ou nos pontos mais afastados dos equipamentos esportivos, aí a potencialidade de distúrbios dos torcedores organizados torna-se maior.

Quanto à reverência às lideranças, isso ficou evidente em ocasiões vivenciadas pelos pesquisadores e pelos estagiários, incumbidos de aplicar os questionários. Em uma dessas situações, membros da Young Flu se recusavam, de início, a responder às questões dos formulários. Ato contínuo, o presidente da torcida, à época conhecido como Campinho, ordenou com veemência que todos pegassem o questionário e respondessem-no sem nenhum tipo de reclamação. A justificativa curiosa manifestada pelo líder era a de que conhecia o pesquisador-responsável pela investigação e que ele próprio era professor de história da rede pública estadual, sendo, pois, sabedor do valor que a pesquisa possuía.

A partir dessa relação hierárquica bem definida, observável dentro de uma associação de fãs futebolísticos, torna-se operativo o conceito de campo desenvolvido pelo sociólogo Pierre Bourdieu (CHEVALLIER; CHAVIRÉ, 2010). Como em toda área profissional e cultural de uma dada sociedade, segundo Bourdieu, é inevitável surgirem campos dotados de autonomia

relativa. Campo consiste em um domínio cultural abstrato, que se materializa sob a forma instituidora de um paradigma.

Os agentes nele involucrados formulam, estabelecem e entram em conflito na luta por obtenção de bens materiais e de poder simbólico. Um campo compreende, pois, estruturas “estruturantes” e “estruturadas” de dominação, responsáveis por distinguir, escalonar e separar os indivíduos de uma mesma profissão ou de uma mesma área de atividade.

Entendido como um subcampo do futebol profissional de alto rendimento, dotado de relativa autonomia, as torcidas organizadas são um universo em frequente disputa e concorrência. Os subgrupos precisam não só liderar as torcidas do mesmo clube, em termos numérico-quantitativos, como também têm de ser protagonistas nos conflitos com as torcidas dos times adversários, de modo a incrementar seu prestígio e seu “poder simbólico”. O confronto com outras torcidas, ou eventualmente com a polícia, é uma demonstração cabal de superioridade moral de um grupo ante os demais.

Um fator a ser ressaltado diz respeito ao grau de rivalidade cultivado contra outras torcidas organizadas. Muitos integrantes, ao falarem da rival, referiam-se a ela como violenta e provocativa, o que leva a supor que os mesmos não se percebem desta forma. Durante as respostas aos questionários aplicados, muitos torcedores classificavam sua torcida como “tranquila”, “da paz”.

Sem embargo, indagados como os confrontos ocorriam, os respondentes, em sua maioria, afirmavam que o confronto costuma ser marcado antes ou depois do jogo, em um local combinado por ambos. Isto mostra que há uma clara predisposição ao embate físico, embora, com frequência, o discurso padrão atribua ao “outro” a iniciativa da violência contumaz. Para não fazer tábula rasa, deve-se salientar, entretanto, que as torcidas de menor porte se mostram menos propensas a condutas violentas, no período observado. Quando isto ocorria, a ação, no mais das vezes, resultava de uma situação reativa de autodefesa.

O último tópico a abordar nesse exercício reflexivo é de cunho motivacional: sob o reconhecimento da existência de um estigma geral reinante na sociedade (GOFFMAN, 1988), alvo de reprovação e de má reputação social, pode-se inquirir o que leva um adolescente, ou um jovem adulto, a despeito de toda a estigmatização, a aderir a uma torcida organizada. Neste sentido, as respostas indicadas nos questionários são úteis, tendo em vista que as respostas são basicamente duas: 1. A vontade de fazer amigos, de socializar-se e de divertir-se em grupo; e 2. A busca por compartilhar da intensidade da

paixão pelo clube. Muitos chegavam a se referir à torcida organizada a partir da experiência de pertencimento a uma segunda “família”.

Os entrevistados, por fim, percebem o clube como uma entidade supra individual que encompassa e que dá sentido a suas vidas. Com graus variados de adesão, estruturam seu tempo em função do calendário futebolístico e da rotina clubística de campeonatos regionais, nacionais e, porventura, internacionais. Entre os mais ativos, por assim dizer “militantes”, é corriqueira a frequência à sede da torcida, o comparecimento aos treinos do time, a “cobrança” mais enfática por desempenho dos jogadores, a inserção na política clubística e a viagem país afora no acompanhamento altruístico do clube durante as competições, quer seja nas partidas de meio de semana quer seja nas de fim de semana.

Referências bibliográficas

CHEVALLIER, Stéphane; CHAUVIRÉ, Christiane. **Dictionnaire Bourdieu**. Paris: Éditions Ellipses, 2010.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

GOFFMAN, Ervin. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. Lisboa: Edições 70.

MAUSS, Marcel. **Ensaios de sociologia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

MELATTI, Júlio (Org.). **Radcliffe-Brown**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

SIMMEL, Georg. "O estrangeiro". **Revista Brasileira de Sociologia das Emoções**. V. 4, n. 12, pp. 265-271, dez. 2005.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Por que xingam os torcedores? **Revista Cadernos de Campo**. São Paulo, v. 3, n. 1, pp. 20-29, 1993.

_____. **Torcidas organizadas de futebol**. São Paulo: Autores Associados, 1996.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão**: visitando jovens torcidas cariocas. São Paulo: Annablume, 2004.

TURNER, Victor. **Dramas, campos e metáforas**: ação simbólica na sociedade humana. Niterói: EDUFF, 2008.

Recebido em 12/07/2017

Aprovado em 25/09/2017